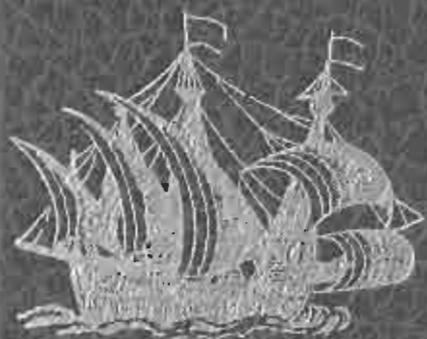


Relação do Reino
do Congo e das Terras
Circunvizinhas

FILIPPO FICAYETTA e DUARTE LOPES



alfa

BIBLIOTECA DA EXPANSÃO PORTUGUESA

[24] em Angola são diferentes dos búzios do Congo, pois usam as continhas de vidro, feitas em Veneza, grandes como uma noz, e mais pequenas, de cores e formas diversas, que são empregues entre aqueles povos, tanto por moeda como para adorno do pescoço e braços de homens e mulheres; e se chamam, naquele idioma, anzolos; e, quando são enfiados, ao modo de um rosário, se dizem missanga.

El-rei de Angola é de fé gentia, que adora idolos como todas as gentes do seu estado; verdade é que desejou fazer-se cristão, a exemplo de el-rei do Congo; mas, por não ter havido, até agora, a possibilidade de mandar lá sacerdotes a alumia-lo, permanece naquelas trevas. Narrava o sobredito que a seu tempo expedira embaixador a el-rei do Congo, pedindo religiosos que o doutrinassem na religião cristã; mas, não os havendo, não lhos pôde enviar; e agora tratam esses dois reis um com o outro, e são amigos, desculpando-se o de Angola das represálias e carnificinas que cometeu contra os do Congo e os Portugueses em Cabaça.

A linguagem dos povos de Angola é a mesma que a dos do Congo, porque, assim como recordámos, é tudo um reino; há só aquela diferença de entre nações confinantes, como entre Portugueses e Castelhanos ou entre Venezianos e Calabreses, que, proferindo os vocábulos diversamente, e a modos vários corrompendo-os (posto que tudo seja um idioma), com alguma dificuldade se entendem.

Dissemos que a baía das Vacas parte pelo meio o reino de Angola; até aqui se tratou da metade dele; agora descreveremos a segunda parte, que fica do sino das Vacas para o sul. Assim, pois, da enseada das Vacas até o cabo dito Negro, pela ribeira do Oceano, contam-se 220 milhas de terra semelhante à já descrita, possuída de muitos senhores obedientes a el-rei de Angola; e o cabo Negro estende-se numa linha para o levante, que corta pelo meio a serra que se chama Fria, e, em certas partes suas, mais altas, da banda da equinocial, os Portugueses a chamam Nevosa, e vai terminar nas abas de outras montanhas que se chamam de Cristal. Dessas nevadas serranias correm as águas da lagoa do Humbe a Zachaf; e esta linha segue da montanha de Cristal para o norte pelos montes de Prata até a Malemba, onde dissemos que se dividia o reino do Congo, partindo o rio de Coári pelo meio. Tal

é a terra de posse de el-rei de Angola, de quem não houve que mais dizer, nem menos das condições de sua pessoa e corte.

CAPÍTULO VIII

Do circuito do reino do Congo, possuído ao presente por este rei, segundo os quatro lados descritos

Começando, pois, do rio Cuanza e correndo para a banda [25] da equinocial 375 milhas, encontra-se o rio a que chamam das Barreiras Vermelhas, que são ruínas de rochas corroidas pelo mar, as quais tombam, mostrando-se daquela cor; e daí por linha direita o que possui 450 milhas; esta linha, partindo daqui para o sul, passa pelos montes de Cristal, que não são os sobreditos de Angola, mas outros, e pelos de Salitre e pelas raízes da serra da Prata, e, atravessando o rio Berbela, finda no lago Aquilunda, com 500 milhas; e pela quarta linha, pelo curso do rio Cuanza, que sai do dito lago, com 360 milhas, de modo que todo este reino da posse agora de el-rei D. Álvaro do Congo gira 1685 milhas. Porém, a sua travessa principia da foz do rio Zaire, onde está a ponta que em português se chama Padrão, cortando o reino do Congo pelo meio e, atravessando as montanhas do Sol e de Cristal, aqui termina em distância de 600 milhas, alongadas do rio Nilo 150 milhas. É verdade que, antigamente, os antecessores deste príncipe dominavam muitas outras terras circundantes, as quais no processo de tempo foram perdendo; e se conservam ainda os títulos de todas aquelas regiões, se bem que estejam em poder de outros, isto é, D. Álvaro, rei do Congo e dos Ambundos e da Matamba e de Quissama e de Angola e de Angoi e de Cacongo e dos sete reinos do Congo de Amulaça e dos Pangelungos e senhor do rio Zaire e dos Anzicos e de Anzicana e de Loango, etc.

Províncias do reino do Congo

Divide-se este reino em seis províncias chamadas Bamba, Soio, Sunde, Pango, Bata e Pemba. A de Bamba, que é a maior

e mais rica, é governada por D. Sebastião Manibamba, primo de el-rei D. Alvaro, há pouco tempo falecido; e está situada ao longo da costa do mar, desde o rio Ambriz até ao rio Cuanza, para sul, e tem sob o seu domínio muitos senhores, dos quais os maiores são estes: D. António Mani Bamba, que é lugar-tenente e irmão de D. Sebastião; e Mani Lemba, outro; e Mani Dande; e Mani Bengo; e Mani Luanda, que é o governador da ilha de Luanda; e Mani Corimba; e Mani Cuanza; e Mani Caçanje; e todos esses senhoreiam a costa do mar; mas pela terra dentro, para a parte de Angola, se chamam Ambundos, os quais ficam da banda de Angola, obedientes ao mesmo Manibamba, e são estes: Engaze, Quinguengo, Motolo, Cabonda e outros muitos de menor condição. Notai que esta palavra Mani significa «Senhor», e o resto é a terra e a senhoria, como, por exemplo: Mani Bamba quer dizer «Senhor da comarca de Bamba»; e Mani Corimba, que é a parte de Bamba, «Senhor da Corimba», e assim os demais. Esta província de Bamba vizinha com Angola pelo sul; e na parte do levante, junto ao lago Aquilunda, fica a Quissama, região que se governa à república, repartida entre muitos senhores, que, vivendo em liberdade, não obedecem a el-rei do Congo, nem menos ao de Angola; e, ultimamente, esses senhores da Quissama, depois de muito terem lutado com [26] Paulo Dias, tornaram-se-lhe obedientes por fugirem ao jugo de el-rei de Angola; e da ajuda deles o Dias se serve contra o mesmo rei de Angola.

Ora, a dita região de Bamba, como dissemos, é a principal do reino do Congo, e a chave e o escudo e a espada e a defesa dele, e que faz fronteira aos adversários. Porquanto resiste a todas as rebeliões daquelas partes e tem gentes valorosas que estão sempre prontas às armas, reprimindo aos inimigos de Angola; e, sempre que necessita, el-rei se vale deles contra qualquer levantamento das outras comarcas. Quando é necessário, pode ajuntar em campo 400 000 homens de guerra, sendo a sexta parte somente do reino, porém a melhor e maior; a cidade principal desta senhoria fica na planície que se expande entre os rios Loze e Ambriz, alongadas do mar 100 milhas, e chama-se Banza, que é nome comum a todas as terras em que está o senhor. Nesta província começam os montes, onde ficam as minas de prata e de todos os outros

metais, que se estendem pelo reino de Angola; e é muito rica: visto como nas praias do seu mar se acham os búzios, de que se servem como moeda no reino do Congo, e também porque ali é maior o resgate dos escravos trazidos de Angola, na qual os Portugueses compram cada ano mais de 5000 cabeças de negros que depois se levam a vender a diversas partes. As gentes desta região são as mais valorosas em armas de todo o reino; e andam armadas de espadas longas e largas, como os habitantes da Esclavónia, enviadas de Portugal; e encontram-se homens forçosos que partem pelo meio um escravo de um golpe, e decepam a cabeça de um touro com um só corte daquelas espadas; e mais (coisa que parecerá incrível) um destes valentes homens sustinha no braço uma vasilha de vinho de quarto de pipa, que podia pesar cerca de 325 libras, até se esvaziar de todo. Trazem com vantagem os arcos e as flechas, em que são muitos destros e velozes; e, demais disso, têm a adarga comprida de anta, de que falámos acima nos Anzicos.

Os animais da região de Bamba

Os animais que se encontram nesta região são primeiro os elefantes, os quais nascem em todo o reino do Congo, mas principalmente na região de Bamba, por ser mais abundante de selvas e de pastos e de águas que as outras, percorrendo-a muitos rios, como se disse, e terra apropriada para nutrir aquelas alimárias, que têm muita grandeza; porquanto, narrava ter medido muitas vezes no pó as pegadas de um elefante, uma [27] das quais tinha de diâmetro quatro palmos: de onde se pode (figurando um círculo) conhecer o tamanho do corpo todo daquela fera; ao qual pé chamam *malo manzaa*, que quer dizer «pé de elefante»; e se em Portugal, Itália e Alemanha se têm visto, em nossos dias, destes animais inais pequenos a respeito da medida sobredita, eram novos e transferidos para estas regiões em tenra idade, para os domesticarem; e se alega naquelas partes que eles vivem 150 anos, e que até ao meio da idade crescem. Conforme esta verdade, acrescentava ter visto e pesado alguns dentes, não cornos, como alguém julga, os quais ascendiam a 200 libras de 12 onças cada uma. Na

CAPÍTULO II

Da origem e do principio do cristianismo do reino do Congo, e como os portugueses conseguiram ter comércio com os habitantes

[43] El-rei D. João, o segundo, querendo descobrir as Índias Orientais, mandou diversos navios pela costa de África a reconhecerem esta navegação; os quais, havendo já achado as ilhas de Cabo Verde e ilha de S. Tomé, correndo aquela costa, viram o rio Zaire, de que já está explicado, e tiveram ali boa prática com aquelas gentes e as provaram cortesões e amáveis. Depois, mandou para o mesmo efeito outros vassallos a buscarem este comércio do Congo; os quais, vendo livre o trato e o proveito e a gente amigável, deixaram lá alguns portugueses para aprenderem a língua e negociarem com elas, entre os quais ficou também um padre de missa; e convivendo os portugueses com o senhor de Soio, que era tio de el-rei, e muito idoso, que ao tempo morava no porto de Praça, que é na foz do rio Zaire, eram eles portugueses estimados daquele príncipe, e reverenciados quase como deuses terrenos, vindos do céu àquelas regiões.

Mas os portugueses diziam-lhes que eram homens como eles, e cristãos; e, vendo-se estarem tão populares e prezados entre aqueles povos, começaram o sacerdote e os demais a praticar com o príncipe sobre a fé cristã e a mostrarem-lhe os horrores da crença pagã; e, pouco a pouco, a ensinar-lhe a nossa religião, de sorte que agradou ao dito senhor aquilo que os portugueses diziam, e ficou convertido.

Com esta confiança e bom espírito, o príncipe de Soio foi à corte, a dar a conhecer a el-rei a verdadeira doutrina dos cristãos portugueses e exortá-lo a que recebesse a fé cristã, que era tão clara e saudável. Por isso el-rei mandou chamar o padre à corte, com o fim de tratar pessoalmente e entender aquilo que o senhor de Soio lhe contara e, informado que foi, se converteu e disse querer ser cristão. A esse tempo regressa-

ram a Portugal os barcos que tinham vindo ao Congo; pelos quais mandava el-rei do Congo pedir a el-rei D. João, o segundo, de Portugal que lhe remetesse todos os aparatos e sacerdotes para se fazer cristão; e o padre escreveu largamente acerca deste serviço, conforme à vontade daquele outro rei, dando-lhe inteira informação de quanto era passado. Assim, el-rei enviou-lhe sacerdotes e ornamentos para as igrejas e, além disso, cruzes e imagens; e foi-lhe entregue tudo quanto era necessário para uma tal acção.

Entretanto, não deixava, dia e noite, o príncipe de Soio de tratar com o padre português, tendo-o em sua casa e à sua mesa, e de aprender para si e de ensinar a lei cristã àqueles povos, e de favorecer a todo o seu poder o cristianismo e semeá-lo, pois naquelas terras começava a germinar e a radicar-se, perseverando todos aqueles povos e o próprio rei no desejo de se expurgarem daquela abominável superstição, aguardando as naus de Portugal com os aprestos do baptismo e as mais coisas convenientes para isso.

Chegaram as naus de Portugal com os esperados providimentos, que foi no ano de 1491 da nossa salvação, tomando porto na foz do rio Zaire; e o príncipe de Soio, com demonstração de singular alegria, correu-lhes ao encontro, com todos os seus fidalgos, e acolheu aos portugueses alegremente e levou a suas pousadas. No dia seguinte, por conselho do padre que lá ficara, levantou aquele senhor uma igreja de troncos e rama de árvores que ele, em pessoa, com os seus criados, andou a cortar devotadamente na selva; e cobriu-se com eles um sítio como igreja, no qual se armaram três altares em louvor da Santíssima Trindade; onde ele se baptizou e um filho seu, criança, chamando-se Manuel, nome do nosso Salvador, e António se chamou o filho, por ser aquele santo protector da cidade de Lisboa. Ora, se aqui alguém perguntasse que nome teriam as gentes daquelas terras antes que recebessem a fé cristã, por certo parecerá incrível o responder que homens e mulheres não tinham nomes próprios convenientes e racionais, mas comuns às plantas, às pedras, aos pássaros e às bestas.

E os senhores se chamavam pelos estados que tinham em governo, como, por exemplo, o dito senhor que primeiro se fez cristão no Congo se apelidava Manisoio, isto é, Senhor

de Soio, e baptizado se chamou Manuel; mas agora todos, geralmente, têm o nome dos cristãos, ensinados a eles pelos portugueses.

Celebrou-se logo missa cantada, depois da qual um sacerdote, dos que eram chegados de Portugal, subiu ao alto e pregou um breve sermão em linguagem portuguesa, expondo a soma da nova religião e fé evangélica, que eles recebiam; o qual sermão o padre que lá ficara, havendo já aprendido aquele idioma, explicou mais difusamente aos senhores que estavam na igreja; e pois que o povo inumerável, ali vindo à conversão do seu príncipe, não cabia na igreja, este príncipe saiu em público a recitar toda a prédica às suas gentes, admoestando-as com grande caridade e incitando-as a abraçarem com ele a crença verdadeira da doutrina cristã.

Isto feito, dirigiram-se todos os portugueses à corte para baptizarem também el-rei, que a tal aspirava com desejo ferventíssimo; com os quais o governador de Soio mandou que muitos senhores dos seus fossem com músicas e descantes e admirável júbilo, deu-lhes criados que carregassem toda a sua fardagem, ordenando aos povos que levassem aos caminhos mantimentos de toda a sorte para aqueles outros; e eram tantas as gentes que corriam a vê-los que parecia quase toda a campina coberta de pessoas que acolhiam com mostras de amor aos portugueses cristãos, cantando e tocando trombetas e pandeiros e outros instrumentos daquelas terras. E é coisa admirável de dizer como pelas 150 milhas, que se percorrem do mar à cidade do Salvador, os caminhos estavam todos limpos e varridos, e abundantemente guarnecidos de mantimentos e de comodidades para os portugueses.

[45] Usam, naquelas comarcas, quando el-rei e os senhores principais vão fora, de alimpar os caminhos e refazê-los; mas muito mais naquela ocasião, porque os portugueses, venerados como heróis, procuravam a el-rei o dom da fé e a redenção da alma e, universalmente, a cada um a luz de Deus e a salvação eterna.

Distantes três jornadas do lugar de onde partiram, avisaram os cortesãos de el-rei que lhes saíram ao encontro, lhes apresentaram refrescos e lhes fizeram honras; e de lugar em lugar topavam com outros senhores que para o mesmo efeito eram enviados de el-rei a receber os cristãos e mensageiros

de alegria tão grande. Chegados perto da cidade 3 milhas, toda a corte veio acolher aos portugueses com todas as maneiras de pompa e de alegria, de tangeres e descantes que naquelas regiões se usam nas mais solenes festas; e tanta era a turba das gentes que superabundava nas estradas que não havia árvore nem lugar alto que não estivesse carregado de pessoas, acorridas a ver aqueles homens peregrinos e portadores de lei nova e saudável. El-rei aguardava-os à porta de seu paço, num tronco de estrada alto, e recebeu-os em público, assim como têm por costume os reis antigos daquele reino quando vêm embaixadores, ou se pagam os tributos, ou se fazem tais outras cerimónias reais. Primeiramente, o embaixador expôs a embaixada de el-rei de Portugal, servindo de intérprete o padre sobredito, que foi o principal autor da conversão daqueles povos.

Finda a embaixada, el-rei levantou-se da cadeira em pé, e mostrou, no rosto e nas palavras, sinais claros do grande prazer que sentia com a vinda de cristãos, tornando a sentar-se; e, em continente, o povo todo junto com alaridos, tangeres, cantigas e manifestas provas de alegria, seguindo as palavras de el-rei, patentearam sumo contentamento daquela embaixada: e, por acto de obediência, três vezes se prostraram em terra e alçaram os pés, segundo a usança daqueles reinos, aprovando e louvando a acção do seu príncipe, e aceitando, cordialmente, o Evangelho do que o Senhor Duarte lhes vinha trazendo por mãos daqueles religiosos.

Viu logo todos os presentes enviados por el-rei de Portugal; os paramentos dos sacerdotes e os ornamentos do altar, as cruces, os painéis em que as imagens dos santos estavam pintadas, as bandeiras e o pendão, e o mais, peça por peça, estando com incrível atenção ao declararem-lhe o significado de cada coisa. Depois, retirou-se el-rei, e alojou o embaixador em um palácio, feito para ele de propósito; e todos os mais foram aposentados em outras casas de diversos senhores, com toda a bastança e comodidade.

No dia seguinte, mandou el-rei chamar todos os portugueses, privadamente: em que se tratou do modo que se havia de ter para baptizar el-rei e pôr em obra a conversão daqueles povos à fé cristã; e, feitos vários discursos, ficou assentado que primeiro se edificasse uma igreja, para que nela, com

solenidade maior, se celebrasse o baptismo e as cerimónias; e, entretanto, se iria ensinando a el-rei e aos outros da corte, [46] instruindo-os na religião cristã.

El-rei mandou fazer aviamento de todo o material, com grande brevidade, de madeiras, de pedras, de cal e de tijolos, segundo que lhe fora proposto pelos mestres e pedreiros, que para tal efeito eram idos de Portugal. Mas o Demónio, que não cessa nunca de se atravessar nas boas operações e santas, alevantou discórdias frescas e conjuras e embaraços contra esta glorificação da fé cristã, a qual vinha destruir a sua autoridade naquele reino e a plantar nele a árvore saudável da cruz e o culto do Evangelho, rebelando-se alguns povos dos Anzicos e da Anzicana, que habitam nas duas margens do rio Zaire, das mencionadas catadupas para cima, contra o lago, e pertencentes ao rei do Congo.

Ora, este rio é muito grande; retido por aquelas quedas de água, engrossa-se, expande o largo e profundo leito, na amplidão do qual existem muitas ilhas, maiores e menores, algumas das quais sustentam obra de 30 000 almas. Nessas ilhas e nos lugares adjacentes às margens, sublevaram-se os povos e subtraíram-se à obediência de el-rei, matando os governadores enviados ali por ele, a fim que mediante esta rebelião se interrompesse o efeito da cristandade, que já era começado. Ao que providenciou el-rei mandar lá o seu filho primogénito, chamado Manisunde, de cujo governo aquela região dependia; porém, sendo necessário que el-rei aí fosse, em pessoa, por ser o tumulto muito grande, quis-se primeiro baptizar; e, assim, parou a obra da igreja de pedra, armando-se à pressa uma de madeira. A qual, ele em pessoa, juntamente com os portugueses, ordenava no modo que se devia de consertar; e nela recebeu água do santo baptismo, chamando-se ele D. João e sua mulher D. Leonor, com os nomes do rei e da rainha de Portugal; e aquela igreja dedicou-a ao Salvador.

Daqui nasceu o levantamento e a rebelião dos povos acima ditos, e não das gentes que habitam nas ilhas do grão lago, como se escreve no primeiro livro das histórias das Índias, novamente tiradas em latim; porque aquele lago dista cerca de 200 milhas dos confins do Congo; nem dele se tinha por aquelas estanças (e pouco ainda ao presente) notícia nem conversão alguma, por ouvir dizer; e mais também ali se anotou

que os povos rebelados se chamam Mundéquetes por erro de letras; porquanto são chamados pelos Portugueses Anziquetes.

Baptizaram-se naquele dia alguns senhores, a exemplo dos reis, recebendo primeiro uns rudimentos de doutrina cristã; e, feito isso, el-rei, em pessoa, foi reprimir os desmandos dos adversários, contra os quais já estava o príncipe, seu filho, e o senhor de Bata, com o exército formado, combatendo. A chegada de el-rei, os inimigos renderam-se e submeteram-se à obediência anterior; e assim se tornou el-rei triunfante à cidade do Congo, e com ele o príncipe, seu filho, que apressadamente se quis fazer cristão, tomando o nome do primeiro príncipe de Portugal, Afonso, e com eles muitos fidalgos e cavaleiros e outros servidores de sua província. [47]

Ora, o inimigo da fé cristã, que ainda continuava na perversa obra de estorvar o cristianismo destes povos, vendo que com a guerra nada ganhara, fez com que o segundo filho de el-rei não aceitasse a nova religião que o pai e a mãe, o irmão e tantos senhores haviam aceite, semeando o joio nele e nos outros senhores que o apoiavam, inclinado mais ao vício da carne do que à virtude, contrastando com o Evangelho que se começava a pregar, o qual mandava que não se tivesse mais de uma mulher, coisa que entre eles era muito difícil de aceitar que qualquer outro mandamento, tendo tantas quantas queriam.

Os irmãos estavam assim divididos, cada um defendia o seu partido. O primeiro, D. Afonso, defendia com grande fervor a cristandade, queimando todos os ídolos da sua província; o segundo combatia a religião cristã, de modo que a maior parte dos chefes principais estavam do lado do Pango, que assim se chamava por ser governador da região do Pango, entre os quais existiam alguns chefes já baptizados. As mulheres que foram afastadas dos seus homens em virtude da lei cristã tomavam isso por uma grande injúria e vergonha, amaldiçoando a nova religião, Coligando-se uns com os outros, faziam traições a D. Afonso, pensando que se o matassem acabariam com a fé cristã, os quais, todos juntos com o Pango, davam a entender ao pai que o príncipe D. Afonso apoiava o cristianismo para se sublevar e rebelar contra o rei e usurpar o seu reino.

Convencido, tirou ao filho a governação em que estava,

mas a Providência Divina, que o guardava para um maior destino, protegeu-o devido ao conselho de alguns junto a seu pai, para que examinasse primeiro as razões do príncipe, tendo um papel predominante o Manisoio, que foi o primeiro a fazer-se cristão, chamado D. Manuel, o qual ao tempo andava na corte com as suas boas razões e destreza do seu engenho (por ser o mais velho cortesão e senhor, muito amado do rei e de todo o povo). Demovido o rei da sentença proferida contra o príncipe D. Afonso e informado das suas acções e intenções, reconsiderou serem falsas e malévolas as acusações contra o seu filho, e restituiu-o de novo ao estado, pedindo-lhe que não actuasse com tanto vigor contra os povos pagãos em exaltamento da religião cristã. Mas este outro, cheio de caridade e de espírito divino, nunca deixou de acrescentar a fé do Evangelho e de pôr em obra os mandamentos de Deus.

[48] Por isso os seus adversários, que jamais se resignaram, estando na corte real, andavam constantemente a dizer ao rei enganos e expedientes ocultos, destruindo o que edificava aquele bom príncipe, principalmente porque tinha partido naqueles dias o Manisoio para o seu governo. Desta maneira, não havendo já quem defendesse a lei cristã, esta declinou de tal modo que o rei mandou dizer ao príncipe que viesse de novo à corte para lhe dar conta das rendas arrecadadas na província de que é governador, com a intenção de o privar deste, depois de fechadas as contas. Porém, ele, alumiado pelo anjo bom e descobrindo as ciladas dos inimigos de Deus e seus, foi prolongando o seu regresso, que o pai, já bastante velho, de morte natural passou à outra vida. Mas a mãe, que sempre estivera firme na fé católica, amando muito o seu primeiro filho, manteve escondida a morte do rei três dias, auxiliada pelas pessoas leais, dando voz que o rei tinha ordenado que ninguém entrasse. Entretanto, secretamente, avisou o filho pela via dos corredores (que, de lugar em lugar a distâncias convenientes, estão prontos para levar as ordens do rei a todo o reino) a morte do pai e que conservaria oculta até a sua vinda e que partisse o mais depressa possível para a corte. E assim, ele (por aqueles correios mesmo, fazendo-se levar de vassalos, segundo o uso da terra, dia e noite) correu, num dia e duas noites, a distância de 200 milhas e de repente apareceu na cidade real.

Morto o rei D. João, o primeiro rei cristão, sucedeu-lhe o filho D. Afonso, e das guerras contra o irmão, e dos milagres acontecidos e da conversão daqueles povos

Ora, juntamente com a morte do rei, se publicou a sucessão à coroa de D. Afonso, tendo ele próprio acompanhado o pai à sepultura, com todos os chefes da corte e os portugueses, com uma pompa fúnebre jamais vista por aquelas gentes, fazendo-se ao modo cristão os ofícios e as honras de defuntos. Mas os adversários do novo rei, não se sentindo seguros na corte, ligaram-se com Pango, que residia na província do seu governo e guerreava contra os Mozombos e outros povos rebeldes, ainda em vida do pai.

Sabendo da morte deste e entendendo o irmão estar já na posse do reinado, organizou com os inimigos um exército muito grande e veio armado contra o irmão, trazendo consigo quase todo o reino que o apoiava, num total de talvez 200 000 homens.

O rei D. Afonso esperou-o na capital com os poucos [49] apoiantes que tinha, aconselhado e ajudado pelo bom senhor de Soio, ligado a si em virtude da santa fé cristã e da devida obediência; fazendo a lista dos apoiantes armados de que dispunha para se defender de tamanho competidor, achou não serem mais de 10 000, entre os quais não havia mais de 100 cristãos da terra, afora alguns poucos portugueses que lá andavam. Estas gentes eram muito escassas para tal recontro, e por isso não muito seguras, antes irresolutas e tímidas com a grande força que o Pango trazia consigo. Todavia o rei, confiado na sua fé inquebrantável e no auxílio celestial, confortou os seus, acompanhado do Manisoio, que não deixara, dia e noite, com obras e palavras, de animar aqueles poucos que tinham, a que esperassem com ânimo viril as arremetidas dos adversários, fazendo-lhes que acreditassem que Deus viria em seu auxílio.

Assim, enquanto eles esperavam o assalto do inimigo, estes avançaram ao assalto da cidade capital, com tanto barulho de instrumentos de guerra, rumores, gritos e ameaças terríveis que os poucos que defendiam a capital, perdendo o ânimo,